

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quamalajara

DATA: 28 105 1957 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Continua a "efervescência" dos recusados na IV Bienal / Olhando a Seleção

ASSUNTO: Um foi selecionado e eleito

correio da manhã, 28 maio 1957

1.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

Continua a "efervescência" dos recusados na IV Bienal



Volpi presente aos debates, ao lado do sr. Leirner (que criou o prêmio de arte contemporânea no Museu) e marido da escultora Felicja Leirner (totalmente recusada).

S. PAULO, 27 (de Jayme Maurício, enviado especial) — O clima nos meios culturais — e em muitos outros também — continua sendo a agitação provocada pelos artistas que tiveram seus trabalhos cortados pelo júri de seleção da IV Bienal de São Paulo. Reuniões nos clubes, nos bares, nas residências particulares, pelas esquinas, no próprio Museu de Arte Moderna de São Paulo. Manifestos, cartas enérgicas, renúncias, ameaças — um não acabar de manifestações de inconformidade. É o assunto do dia. Os próprios jornais paulistas, de ordinário tão fleugmáticos acerca das atividades artísticas, se ocupam com grande destaque do assunto. Não obstante a agitada reunião de sábado último no auditório do Museu de Arte Moderna, onde vozes ponderadas fizeram ver aos mais exaltados a inutilidade dessa agitação, dos poderes irrecorríveis do júri de seleção, continua a onda, principalmente dos que foram cortados totalmente, num esforço muito intenso para "revoltar" também os cortados parcialmente.

OS LÍDERES DO MOVIMENTO

Nos muitos contatos tidos com artistas, críticos e outras pessoas responsáveis, tivemos a impressão nítida de que toda essa crise, essas ameaças e protestos mais violentos, como tudo o mais que vier a acontecer nesse sentido, será consequência da atividade de alguns artistas mais inconformados como a escultora Felicja Leirner, a pintora Bela Prado (terrível), a escultora Moussia Pinto Alves (um só trabalho aceito), o pintor concretista Waldemar Cordeiro (um só trabalho aceito) e o pintor Flávio de Carvalho (totalmente recusado). São pessoas que de uma forma ou de outra exercem certa influência nos meios artísticos e têm poderes especiais para atuar e provocar reações. Estão incansáveis: Moussia busca assinaturas para o manifesto; Bela se agita e discute; Felicja tem um ar extremamente fatigado e desolado; Flávio, sarcástico, lança mão de uma argumentação glamourosa, inteligente e "blasé"; Cordeiro, atua em vários sentidos, pedindo medidas objetivas, com grande corpo, grande voz, grande gesticulação e resistência.

ARTISTAS CONFORMADOS

Para grande espanto nosso, o desenhista Aldemir Martins (Grande Prêmio de Desenho da Bienal de Veneza em 1956) está calmo, sorridente e inteiramente de acordo com o júri. Acha que foi até bom, pois ele andava talvez muito tocado pelo sucesso. Não fora a primeira vez que tivera seus trabalhos cortados em exposições — e não havia razão para ser sistematicamente aceito com tudo que mandasse, ora essa.

Conversando com Aldemir, e depois na visita aos cortes e aceitos da Bienal, tivemos a nítida impressão de que no caso particular desse artista, o júri fora lúcido, coerente, certo. Cortou seis trabalhos sem grande interesse (cangaços, peixes, pássaros, etc.) temas já esgotados na obra do desenhista. E aceitou dois trabalhos realmente belos (uma flor e uma melancia) que realmente são uma novidade, um progresso, dando notícias de uma intenção de não mais fazer concessões ao público e auto-concessões, partindo para novos problemas de composição, grafismo, ritmos e soluções espaciais, já semi-liberto da temática, da anedota, do pitoresco regional. Aldemir, estamos quase certos, enfrentará em 57 uma mudança radical, exceto no trabalho de sobrevivência: o que o público compra e ele precisa vender.

Outra figura calmissima é o desenhista Arnaldo Pedroso d'Horta (também premiado na Bienal de Veneza) e que teve três trabalhos cortados pelo júri. Não fez protestos, não assinou nada, e não assinará, parece. No Clubinho, numa roda com Rebólo Gonçalves, Mário Pedrosa, Cicílio Matarazzo, o desenhista manifestou-se inteiramente de acordo com o júri.

Também o pintor Paulo Becker, embora achando tudo muito divertido (a agitação, os protestos, a onda, enfim) não está aborrecido, não está revoltado e recebeu a notícia do seu corte total com muito fair play:

— Quando me inscrevi aceitei inteira subordinação às decisões do júri de seleção. Ele não gostou dos meus trabalhos, paciência. Não vou agora me agitar e pedir reparações. Terei o maior prazer em comparecer em setembro próximo ao chá dos concretistas na IV Bienal...

PEDE DEMISSÃO JOSÉ GERALDO VIEIRA

O crítico José Geraldo Vieira, membro do júri de seleção, em carta ao Museu de Arte Moderna, acaba de pedir demissão

das suas funções de "membro do júri", considerando a forte reação de muitos artistas. Pondera em sua carta que para grande surpresa sua, fora eleito pelos artistas para integrar o referido júri, mas que a reação do seu eleitorado às decisões posteriores, era como que um ato de arrependimento da eleição. Quanto ao fato de não ter maior cabimento essa demissão assim extemporânea, lembra o crítico que faltam ainda várias obras de artistas no exterior, presas nas alfândegas — tinha portanto cabimento sua renúncia. Não voltaria a trabalhar nesse júri de seleção da IV Bienal.

A atitude do veterano crítico encontrou viva repercussão, ainda que fosse considerada meramente simbólica e sem maior eficiência.

RETIRADA DE OBRAS

As notícias dão como certa a retirada das obras de alguns artistas cortados parcialmente, entre os quais o escultor Bruno Giorgi e o pintor Alfredo Volpi. Bruno Giorgi, que já recebeu a láurea de Melhor Escultor Nacional da II Bienal, concorria possivelmente ao segundo prêmio de escultura (muito bom) já que ao primeiro não mais poderia concorrer. É possível que, de fato, retire seus trabalhos, ainda que com tal gesto venha a ser fortemente criticado e tido como *prima-dona*, um gênero que morreu com a ópera.

Quanto a Alfredo Volpi, temos certas dúvidas. Primeiro pelo temperamento modesto e simples do pintor; segundo, porque não concorre ao Prêmio Nacional de Pintura (já o recebeu, de sociedade, com Di Cavalcanti na II Bienal); terceiro, porque sendo grande amigo de Mário Pedrosa, que está organizando sua mostra retrospectiva para o Museu de Arte Moderna do Rio, aceite as ponderações do crítico, que é de inteiro apoio às decisões do júri, embora tenha admitido também, ter havido alguns equívocos. Neste caso, ainda uma vez, o Itinerário está de acordo com o júri; diante do conjunto de obras enviado por Volpi, a tela cortada não faz a menor falta, antes pelo contrário, prejudica (Pedrosa discordou, embora admitindo que a tela cortada é a mais fraca do conjunto. Mas ele é bem capaz de provar fartamente o contrário ao ler estas linhas...)

De qualquer forma, a retirada de obras, principalmente da parte dos artistas mais conscientes, realizados e responsáveis, é uma atitude antipática, deixando entrever um pouco mais que temperamento e vaidade. Na verdade revela uma grande inconsciência das peculiaridades do problema da criação, e uma auto-suficiência só possível em "artistas" da espécie de um Salvador Dali.

OLHANDO A SELEÇÃO

Rapidamente, alguns minutos apenas, pudemos apreciar com Matarazzo, Pedrosa, e Profili, os trabalhos recusados e os aceitos. Na maioria dos casos o júri foi excelente. É incrível o que certas pessoas enviam à Bienal. Incrível e desaforado. Uma coleção de barbaridades, de coisas terríveis, sem sentido, sem nada. Alguns chegam a enviar telas com um bilhete: cuidado, tinta fresca!

Entretanto, entre esses loucos, muita coisa de interesse, como as maquetes do escultor Fracarolli (principalmente uma torre em côres), certas pinturas bem melhores que outras presentes na seleção. Há uma escultura da Bahia, de Agnaldo dos Santos (uma espécie de pilão com uma figura) que é horrível, mas foi aceita "dentro da linha dos primitivos" (Profili), embora toda a seleção resulte numa afirmação da arte abstrata e concreta no Brasil. A essa escultura de Agnaldo dos Santos, seria preferível mil Cristos Monumentais de Mário Cravo. O caso desse escultor também é injusto: seria preferível conservar o seu Cristo (peça de grandes proporções) que conserva uma certa monumentalidade, ao trabalho aceito. Di Preti, com pintura nuclear, está ruim; o nosso caríssimo Aloísio Carvão, sempre de qualidades, desta vez não foi muito feliz. Sem interesse: Douchez, Raimo, Hansen, Flexor, Barsotti, Platner.

Admiráveis, excelentes, são os conjuntos de Milton Dacosta, Ivan Serpa, Lígia Clark, Ana Leticia, Rossini Perez, Frans Krajcberg, Alfredo Volpi, Fayga Ostrower, Franz Weissmann, Edith Bhering, Arthur Luiz Piza, Yolanda Mohalyi, João Luiz Chaves, Fiaminghi.

A tendência predominante, não apenas entre os aceitos mas também entre os recusados (considerando apenas o que deve ser considerado, além das "loucuras" e brincadeiras) é da arte abstrata e concreta. Sem entrar no mérito do fenômeno ou discutí-lo, a pintura figurativa está ausente, devido talvez à ausência dos chamados "mestres" da pintura brasileira.



Flávio de Carvalho analisa a justificativa do júri para os artistas presentes. Flávio vem expor desenhos no Rio. Afirma que a decisão do júri é parte de um plano há longo tempo tramado pela direção artística do Museu (Sérgio Milliet) e os concretistas para entregar a Bienal a estes últimos.